Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte. m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 436

1 DE FEVEREIRO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Acabamos de vêr nos jornaes uma noticia importantissima que nos alegrou muito e que vem confirmar o que n'este mesmo lugar escrevemos ha bem pouco tempo ainda.

Essa noticia é que o ministro da Instrucção Publica vae organisar uma exposição annual de Bellas Artes, com premios dados pelo governo, devendo realisar-se a primeira exposição no anno de 1892, para o que se incluirá já no proximo orçamento do Estado a verba destinada aos premios.

Parece inacreditavel não é essim? Chega mesmo a ser quasi um escandalo na nossa terra este facto inaudito d'um ministro de Estado pensar em Bellas Artes!

Pois é verdade, apesar de inverosimil, um ministro que demais a mais tem a seu cargo a pasta do Reino, isto é a das eleições, tem tempo e tem pachorra para pensar um bocadinho n'outra cousa que não seja a politica, tem tempo e pachorra para pensar em Bellas Artes e parece decidido a dar-lhe um forte impulso, a tentar levantal-as do abatimento em que a indifferença de todos os governos que n'estes ultimos annos se tem succedido no poder, as teem deixado afundar.

Folgamos sinceramente com esta inovação que Antonio Candido vem fazer nos nossos habitos governamentaes, folgamos, mas não nos surprehendemos com ella, porque conhecemos bem o alto valor intellectual do illustre orador, que é acima de tudo um artista excepcional, e foi precisamente por sabermos de quanto é capaz o grande talento de Antonio Candido, e quanto o paiz tem a esperar d'elle, que saudámos aqui com sincero jubilo em tempo o seu advento no poder, lamentando simplesmente que em vez de ter a seu cargo duas pastas, Antonio Candido não tenha só a da Instrucção Publica, para lhe poder dedicar toda a sua attenção, e que a pasta da Instrucção Publica não seja como foi em tempo em França a pasta dos Correios, alheia á politica e por tanto d'uma estabilidade muito maior da que tem entre nós todos os ministros, para que Antonio Candido podesse fazer uma reorganisação séria e completa de todos os serviços da Instrucção Publica e Bellas Artes, tendo tempo de vêr na pratica os effeitos das suas reformas e modifical-as segundo as nossas circumstancias e os seus resultados, unica maneira de fazer uma reforma util e perduravel de Instrucção Publica, pois é claro que com o systema que ha entre nós, mercê da instabilidade de ministros, de se fazer quasi que cada anno uma nova reforma da instrucção publica, nunca se póde reconhecer pelos seus resultados praticos as vantagens e desvantagens d'essas reformas, e o mal de que todos nos queixamos na administração do ensino no nosso paiz vae-se dia a dia aggravando, e, á força de reformas, cahindo n'um cahos profundissimo em que em breve ninguem se entenderá.

En'um plano completo de reorganisação da instrucção publica em Portugal hão de entrar, como não póde deixar de ser todos os elementos que constituem a parte mais brilhante da civilisação d'um povo, hão de entrar o ensino primario e ensino secundario, universitario, superior, especial, as bellas artes em todos os seus diversos ramos, a musica, a pintura, a esculptura, a architectura, o theatro, o pobre theatro que mais do que nenhuma das Bellas Artes portuguezas tem direito a queixar-se da indifferença e do abandono a que o tem votado, ha mais de vinte annos, todos os governos, porque se de facto o estado não olha com muita attenção para a pintura, para a esculptura, para a musica, então para a Arte Dramatica não tem olhado nem com muita nem com pouca attenção, tem-n'a deitado completamente á margem, como se o theatro não fosse de entre as bellas artes, uma das mais brilhantes, senão a mais brilhante, aquella que mais influencia immediata exerce sobre o espirito publico, aquellas que mais concor-

GUILHERME JOSÉ ENNES

CIRURGIÃO DE BRIGADA, NOVO DIRECTOR DO HOSPITAL MILITAR PERMANENTE DE LISBOA

(Segundo uma photographia de Serra)

rem para a civilisação dos povos. O illustre ministro actual da Instrucção Publica é um dos poucos homens de estado que ha hoje no nosso paiz capaz de emprehender e de pôr em execução um plano assim geral de reorganisação da instrucção publica abrangendo todos os seus varios ramos, todos os seus complicados e complexos serviços: estamos certos de que o fará, e oxalá que o faça, pelo paiz que bem precisa tratar d'isso a serio, e por elle proprio, que deixará assim assignalada d'uma maneira brilhante e inolvidavel a sua passagem pelas eminencias do poder.

* * *

O Occidente hoje occupa-se largamente n'outro lugar das duas peças originaes portuguezas, em scena nos theatros de D. Maria e da Trindade.

Uma d'estas peças — a *Morta*, teve na semana passada, na noite de 24 de janeiro a sua festa brilhante — a recita em homenagem ao seu auctor, segundo o contracto da empreza de D. Maria com o governo.

A decima quinta recita d'uma peça original em D. Maria, pertence ao auctor e o facto d'um original dar 15 recitas não é tão vulgar como isso, porquanto ha já cerca de dez annos que essa disposição está em vigor e apenas quatro ou cinco auctores tem aproveitado d'ella — Antonio Ennes, Lopes de Mendonça, com o *Duque de Vizeu*, Marcellino de Mesquita, D. João da Camara, e agora novamente Lopes de Mendonça.

Estas recitas de homenagem são sempre noites de festa, e foi brilhante a festa que o publico de D. Maria fez ao illustre auctor da *Morta*, e festa pela qual o felicitamos cordealmente.

* * *

Não tem havido n'estes dez dias acontecimentos importantes entre nós.

Da politica externa, o que quer dizer, da questão ingleza, apparecem quotodianamente noticias, boatos sempre mais maus que bons, uns que se desmentem, outros que se confirmam, noticias que uns jornaes aggravam e outros attenuam conforme os seus interesses politicos; da politica interna nada, a não ser todas as manhãs boatos de crise que se desfazem á noite, para se refazerem na manhã seguinte e assim successivamente.

Na vida elegante os acontecimentos importantes tem sido a passagem por Lisboa dos srs. condes de Paris e duque d'Orleans, que estiveram quatro ou cinco dias hospedados no Paço de Belem, a proxima chegada da Princeza Helena d'Orleans que vem passar o resto do inverno com sua augusta irmã, a rainha D. Amelia, e uma serie de bailes e soirées uns já realisados outros que se annunciam para breve, d'aquelles os mais notaveis, o da sr.ª Duqueza de Palmella e o dos srs. Condes de Valbom, d'estes, os que com mais brilhantes se annunciam, os dos srs. Viscondes de Monsanto e condes de Magalhães.

E o mais o costume — o passeio tradicional na Avenida, das tres ás cinco horas em dias bonitos, que tem havido muitos, e uma inovação de bom gosto — uns passeios até ao Campo Grande.

Na vida das ruas, um acontecimento tragico que sobresaltou a cidade — o suicidio d'uma velha asylada do asylo da mendicidade debaixo do elevador da calçada da Gloria; e um acontecimento pittoresco — um assalto á mão armada no alto da Avenida, tres Fra-Diavolos de pexesbeque que roubaram a um escripturario d'uma fabrica de sabão, um tostão em dinheiro e um casaco! Como veem são ladrões d'estrada... das comedias de Labiche, mas que não seria mau a policia procurar e castigar, para que elles, sahidos bem d'este ensaio, se não mettam por ahi a trabalhar em grande.

Na vida theatral tres novidades — duas de que não posso dar conta, porque escrevo na vespera d'ellas — *A escola dos maridos* de Molière, traduzida em verso pelo escriptor brazileiro Arthur de Azevedo, representada no theatro de D. Maria e a *Velha Lei*, de Miguel Echegaray, traduzida no Gymnasio com o titulo de *Escorregar não é cahir* pelo escriptor que usa do pseudonymo de Afonso Gomes.

A novidade de que lhes posso dar noticias é a *Africana*. Ha muito tempo ensaiada — ha mez e meio — e sempre á espera de tenor, a *Africana* appareceu por fim com tenor de casa.

E' a tal historia do proverbio:

—«Fui a casa da visinha, envergonhei-me, vim á minha e remediei-me.»

Veio de fóra o tenor Lestelier para cantar a Africana, abriu a bocca no ensaio, e a empreza mandou-lhe logo fechar a bocca e a malla e voltar pelo mesmo caminho, e por fim o tenor Grabielesco, tenor de casa, cantou a *Africana* e teve um enorme e legitimo successo.

E cantou-a pela primeira vez na sua vida estudando-a em cinco dias e tendo apenas um ensaio de orchestra!

Foi um *tour-de-force* que redundou n'um grande triumpho para o illustre artista que é incontestavelmente um dos melhores tenores que n'estes ultimos annos tem vindo a S. Carlos, um artista completo que junta a uma voz deliciosa um talento que não é vulgar, não sei porque, em que, canta de tenor.

Grabielesco foi a novidade da *Africana*. Os outros artistas á excepção da sr.ª Brambilla, nova tambem na parte de Ignez, que cantou muito distinctamente, eram já nossos conhecidos n'esta opera: a Bulicioff que tem na Semka uma das suas coroas, Menotti que é um magnifico Nelusko e Ercolani um esplendido D. Pedro.

Para a semana annuncia-se grande novidade lyrica *A mala Pasqua* uma opera nova para nós, e quasi que para todas as pessoas, opera que a Theodorini creou no anno passado em Italia com um exito colossal.

Ouviremos e fallaremos.

Gervasio Lobato.

GUILHERME JOSÉ ENNES

Grato e difficil encargo é o de fallar de mais de trinta annos de excellentes e notaveis serviços, a que se entrelaçam constantes recordações de uma leal amisade, contando quasi a mesma duração.

Grato, — porque, sobre o prazer de prestar homenagem ao merito comprovadissimo, ha a delicia de rememorar relações as mais affectuosas, de rever no espelho da saudade volvidos tempos, de saudar de longe o passado, que fugiu com a sua grinalda de chimeras, com o seu cortejo de esperanças, muitas das quaes são hoje tristes desenganos, e poucas, brilhantes realidades.

Difficil, — porque, ainda quando os meritos proprios não fallecessem, a escassez de espaço, de que o jornal dispõe, mal chega para a menção succinta de tão largos e variados serviços, que enchem a vida prestimosa de um homem illustre, e não consente sequer o commentario explicativo, a observação adequada, a critica das circumstancias ou do trabalho realisado, o elogio, desauctorisado embora, mas justissimo sempre e merecedissimo.

Mas pois que outra amisade nos impoz o encargo, tão agradecidamente acceito, que procuremos desempenhar-nos d'elle como podermos e que sirva de justificação ao desprimor do desempenho o que allegado fica.

* * *

Dissemos que poucas esperanças, das que enfloraram a nossa apartada mocidade, haviam conseguido tornar-se realidades. Pois bem! d'ellas todas, a que mais brilhantemente se realisou foi a que se traduz na conquista de notavel renome e conceito scientifico de Guilherme José Ennes.

Nascido em Lisboa, aos 5 de janeiro 1839, bem cedo perdeu seu pae, Domingos José Ennes, e orpham d'esse affecto e d'essa natural protecção, concentrou todas as suas sollicitudes, todos os mais puros sentimentos da sua alma de escol, no amor de sua mãe, D. Maria Rita de Oliveira Ennes, e de seus irmãos, que quasi todos viu já baixar á sepultura, trocando pelo florir de cada affeição, uma dôr e uma saudade, das que se não apagam em espirito fadado para sentir e para amar.

Não eram largos os sorrisos da boa fortuna ao moço infante, que, desde logo e de verdes annos, se consagrou á carreira das sciencias, com tal dedicação e esmero que logrou aos 20 annos completos, e em data de 30 de julho 1859, a sua carta de acto grande, com approvação plena e louvor, na Escola medico-cirurgica de Lisboa.

A 14 de novembro d'esse mesmo anno, alistava-se no exercito, como cirurgião ajudante do 3.º regimento de artilheria; e é desde então que o vamos encontrar na faina quotidiana do trabalho scientifico, conquistando dia a dia os bons creditos, o prestigio, a auctoridade, que o fazem hoje, trinta um annos decorridos, um dos mais illustres ornamentos da corporação, que no seu gremio tem contado muitos homens illustres.

Todos quantos requisitos se podem exigir de um bom cirurgião militar, todos elle tem revelado exuberantemente, por obras notaveis e justamente apreciadas, sobrando-lhe ainda recursos á farta para illustrar o seu nome em outras commissões e encargos da sciencia medica, mas alheios á medicina militar.

* * *

Passando os primeiros annos da sua vida official em Vianna do Castello e depois em Setubal, como cirurgião ajudante de artilheria n.º 3 e de caçadores n.º 1, ahi adquiriu boa fama como clinico, de modo que, ao ser transferido para a guarnição de Lisboa, como cirurgião ajudante de infanteria n.º 1, em 1864, logo o hospital da Estrella o saudou como um dos seus mais distinctos clinicos, e logo elle confirmou a saudação, sendo brilhante e notado sempre o seu exercicio hospitalar.

E' d'essa data que as nossas relações se estreitaram, para não mais se quebrarem, e foi na demorada obscuridade relativa do posto de cirurgião ajudante, que elle ensaiou o vôo e agitou as azas para se erguer ao justo conceito, entre os membros da corporação, que se honrava de o ter no seu gremio.

Se ha, nas differentes commissões de serviço, alguma que imprima caracter como reconhecimento official de levantado merito clinico, é decerto a que encarregue os membros da corporação de elaborarem, para os hospitaes militares, novo formulario de medicamentos, que é, por assim dizer, a synthese e a representação de todos os conhecimentos therapeuticos n'um momento dado.

Pois o joven cirurgião ajudante era encarregado, pela ordem do exercito n.º 10 de 1871, de fazer parte de uma d'essas commissões, como secretario, cabendo-lhe egual honra, já então cirurgião mór, por nomeação e portaria de 7 de junho 1881, quando o movimento incessante do progresso scientifico aconselhou, como tem de aconselhar periodicamente, a revisão e remodelação do formulario.

Entrando na 6.ª repartição do ministerio da guerra, como adjunto, em janeiro 1875, logo ahi se deu a confirmar os seus bons creditos como clinico, compilando e publicando um bello volume, a que poz o titulo de *Estudos de clinica militar*.

O largo conhecimento que já tinha dos serviços da saude militar, tinham-o feito escolher, ainda cirurgião ajudante, para secretario da commissão encarregada de elaborar um novo regulamento geral do serviço de saude do exercito, em portaria de 6 de dezembro 1871, sendo promovido a cirurgião mór por decreto de 2 de abril do anno immediato.

Nem foi esteril desde logo a sua cooperação nos serviços da repartição, nem os trabalhos d'ella o desviaram de interessantes pesquizas sobre o passado, dando a lume, em 1877, outro bello volume intitulado *Homens e livros da medicina militar*, que é das publicações mais curiosas e interessantes sobre coisas passadas da nossa classe.

Estes dois volumes abriram-lhe immediatamente as portas da Academia Real das Sciencias, que se honrou de o inscrever no seu brilhante livro de matricula.

* * *

Temos o moço academico, em todo o pleno vigor do talento, da actividade, do prestimo e do bom conceito, e sem desprezar os trabalhos burocraticos, a que o seu nome ficará indelevelmente ligado, dá-se ao estudo da remodelação do material sanitario, que era então a ordem do dia em todos os exercitos. Do modo como se desempenhou d'esta iniciativa, falla a portaria de 25 de setembro 1874, em que é louvado pela boa disposição, arranjo e melhoramentos do material de ambulancia, e mais segunda vez elogiado pelos importantes aperfeiçoamentos introduzidos no referido material, em resultado dos seus perseverantes estudos e applicação.

E pois que estamos compulsando as ordens do exercito, para encontrar os louvores officiaes que o nosso biographado tem recebido, mencionemos o de 1872, ordem do exercito n.º 14, e o de 1882, portaria de 22 de dezembro, por motivo do bom desempenho das commissões de organisação de novos formularios.

A actividade e a avidez do trabalho não desfalleciam; o escriptor affirmára-se já brilhantemente e continuava a manter os seus creditos, iniciando em 1877 a publicação do jornal quinzenal *Gazeta dos hospitaes militares*, que se sustentou até 1884, quando outros deveres e encargos de novos serviços o impossibilitaram de continuar a assiduidade da redacção.

*

* *

Ir ao estrangeiro, ver, admirar e estudar os incessantes progressos da sciencia é justa aspiração, entre todas as aspirações justas; e Guilherme Ennes conseguiu realisal-a, repetidas vezes, com proveito seu e sempre do paiz.

Synthetisemos, pois que o espaço não dá para mais, esta phase, que não é das menos interessantes, da rapida biographia do nosso amigo.

Ir ao estrangeiro e levar alguma coisa de novo na viagem scientifica, ou trazer n'ella de novo muita coisa de util e vantajoso, é o facto que traduz a expressão acima escripta, do proveito proprio e do do paiz.

Encarregado, por nota da repartição do gabinete, em 5 de agosto 1878, de tomar parte no congresso internacional de hygiene e medicina militar em Paris, levou-lhe os seus especiaes conhecimentos, affirmados nas discussões sobre hospitalisação do campo de batalha e sobre aproveitamento dos wagons dos caminhos de ferro para transporte de feridos, que se encontram publicadas no relatorio geral e actas do congresso; e trouxe fartas notas e noções scientificas, para publicar um volume interessantissimo, com o titulo *A vida medica das nações*.

Nomeado, por nota da repartição de gabinete, de 30 de agosto 1879, para assistir ao congresso periodico internacional de sciencias medicas em Amsterdam, apresentou-lhe uma memoria impressa, *Nouveaux usages médicaux du pétrole*, transcripta nas actas do mesmo congresso, onde teve a presidencia de honra de uma das secções; e trouxe os elementos para publicar, em collaboração, o volume *Clarões e reflexos do progresso medico*.

Em 1880, como se celebrasse o congresso de hygiene, em Turin, a que pertinaz doença o não deixou assistir, enviou-lhe uma memoria impressa, *Nos casernes*, que é o primeiro grito levantado no paiz a favor das construcções do systema Tollet.

Por nota da repartição do gabinete de 19 de julho 1881, foi nomeado representante especial do ministerio da guerra junto do congresso medico, que se realisou em Londres, e a esse congresso apresentou duas memorias, ambas transcriptas nas actas, *La désinfection du champs de bataille* e *La chasse aux trichines*, que era assumpto então na tela dos debates scientificos.

Em 28 de agosto 1882, era nomeado, pela repartição do gabinete, representante do ministerio da guerra junto do congresso de hygiene, que se realisou em Genebra, e ahi apresentou duas notas, transcriptas nas actas do mesmo congresso, uma sobre á *Mortalidade dos exercitos*, assumpto largamente tratado pelo professor Sormani, outra sobre *Escolas de enfermeiros*, tratada pelo dr. Bourneville.

Finalmente, em 1887, foi nomeado representante especial do ministerio da guerra ao congresso de hygiene, celebrado em Vienna, e para elle levou uma memoria *La prophylaxie internationale du choléra en Portugal*, em collaboração; e d'elle trouxe os apontamentos para um largo volume, em collaboração tambem, *Affirmações e duvidas sobre os ultimos progressos da hygiene*, que viu a luz em 1888.

Ninguem dirá que não foi farta a colheita propria, e nós podemos affirmar que foi sempre sua a melhor parte da colheita realisada em commum.

Veda-nos o espaço, ainda quando outras razões nos não impedissem de fallar de algumas, o prazer de fallar, com o merecido elogio, da melhor parte d'estas obras.

Tambem, em 1887, foi nomeado delegado da Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha á conferencia de Carlsruhe e do desempenho d'essa commissão deu conta n'um relatorio, em collaboração, publicado pela mesma sociedade.

*

* *

Em 1881, foi nomeado sub chefe da 6.ª repartição do ministerio da guerra, commissão em que affirmou mais accentuadamente os seus altos creditos de director de serviços e de funccionario burocratico, deixando só este logar, quando, em 4 de abril 1888 foi promovido a cirurgião de brigada, e collocado na direcção do hospital de Chaves, ficando comtudo a exercer, junto do cirurgião em chefe, as funcções de auxiliar nos serviços da repartição, que d'elle se não podia separar, nem d'elle podia prescindir.

Como sub-chefe da repartição, além dos encargos que lhe estavam inherentes, do de varias commissões ao estrangeiro de que já fizemos menção, foi nomeado, por portaria de 2 de junho 1883, membro da commissão de reforma e transformação do material sanitario, e por portaria de 16 de dezembro 1886, presidente da commissão encarregada de propôr as reformas hygienicas de que necessitava o hospital militar permanente de Lisboa.

D'essa commissão nasceram as duas bellas enfermarias abarracadas, da cerca do convento da Estrella, que se podem mostrar ao estrangeiro, como modelo de todas as conquistas hygienicas, em materia de construcção.

*

* *

Em 1884, quando o cholera, invadindo a Espanha, nos ameaçou, foi o nosso illustre biographado incumbido de organisar o primeiro lazareto da fronteira, em Elvas, e depois o de Villar Formoso. Por portaria do ministerio do reino, de 15 de novembro 1885, foi nomeado inspector dos lazaretos, e findo o serviço que durou até fevereiro 1886, publicou, em collaboração, tres volumes, com o titulo *Os lazaretos terrestres de fronteira*, que eram o relatorio d'esses serviços.

Por portaria de 1 de julho 1890, sob nova ameaça do cholera, foi confirmado no logar de inspector dos lazaretos, e terminada a campanha da defeza sanitaria, foi exonerado d'este logar, a seu pedido, por portaria de 11 de dezembro do mesmo anno e louvado pelos bons serviços que prestou no desempenho do mesmo cargo.

*

* *

Nomeado vogal da junta consultiva de saude publica do reino, em 1884; membro do conselho geral de saude e hygiene do municipio de Lisboa e medico do pelouro de hygiene do mesmo municipio, deu larga attenção ás questões de hygiene publica, e em especial ás que prendem com a variola e ás de desinfecção, collaborando n'um importante relatorio sobre a creação de um hospital especial para variolosos, e sendo relator de um outro importantissimo, sobre o serviço de desinfecção, de que elle foi o primeiro e mais dedicado apostolo em Lisboa. Ambos estes relatorios estão publicados.

Na mesma ordem de idéas, instituiu em companhia de outro collega illustre, o parque vaccinogenico, que, sobre ser um relevante serviço prestado á cidade e ao paiz, é um modelo do que pode haver de mais aperfeiçoado no seu genero e tem conquistado a confiança de todos os medicos e a do publico.

*

* *

Tantos serviços não ficaram sem recompensa, embora escassa para a grandeza, variedade e multiplicidade d'elles. O nosso amigo é cavalleiro da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, official da antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Thiago de merito scientifico, litterario e artistico, cavalleiro da ordem militar de S. Bento de Aviz, condecorado com a medalha militar de comportamento exemplar, cavalleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Merito, pelos bons serviços prestados na organisação e inspecção dos lazaretos terrestres, agraciado com a cruz de segunda classe de merito militar espanhola, destinada a recompensar serviços scientificos especiaes; official da Corôa de Ferro, d'Austria, official da ordem de Carlos III de Espanha, commendador da Ordem do Nichan do Egypto, condecorado com a cruz de membro da Sociedade franceza de soccorros a feridos militares.

Tal é o funccionario, que vae hoje occupar o posto de honra de director do hospital militar de Lisboa.

*

* *

A larga e superior direcção dos serviços medico-castrenses, na commissão da repartição especial do ministerio da guerra, reclamava a sua cooperação illustrada e reflectida; mas a direcção do primeiro estabelecimento nococomial do exercito tinha os olhos postos na sua aptidão e excepcionaes qualidades.

Clinico distinctissimo, com especial e superior auctoridade scientifica, hygienista, a par dos mais recentes progressos, das mais solidas conquistas d'esta omnipotente sciencia, com largo e fundo conhecimento de todos os serviços, espirito conciliador e recto, affavel mas tenaz, benevolente, mas disciplinador, dotado de notavel bom conselho, de raro juizo prudencial e de amadurecidas prendas de reflexão, tendo a estima e a admiração de todos os seus collegas, em todas as categorias da escala hyerarchica da classe, tendo a plena confiança de todos os nobres ministros da guerra, de todas as situações successivas, tendo o prestigio do bom nome adquirido por mais de trinta annos de brilhantes serviços, a sua direcção vae ser uma carreira triumphal, com acrescentamento das suas glorias e largo proveito da gerencia hospitalar.

Que em boa hora vá para a sua nova commissão, e que só encontre flores no caminho quem espinhos não pode encontrar n'elle,—que tudo é facil e tudo se facilitará ao funccionario de tão levantada esphera intellectual, de tão subidos creditos scientificos, e de tão erguidas qualidades de coração e de caracter que fazem julgar pequenos os melhores e deixam envergonhados pelos exemplos de lealdade os que de mais leaes se desvanecem!

Taes são os votos de um velho amigo.

A. M. da Cunha Bellem.

DUAS PEÇAS PORTUGUEZAS

A MORTA — A MOIRA DE SILVES

Como n'uma das suas ultimas chronicas prometteu, o OCCIDENTE dedica hoje as suas illustrações ás duas peças originaes portuguezas que quasi ao mesmo tempo se deram no theatro de D. Maria e no theatro da Trindade, ambas com ruidoso e justissimo successo, ambas dando grandes receitas aos theatros, mostrando assim que ainda não empallideceu, felizmente, a boa estrella que n'estes ultimos tempos tem protegido a nossa litteratura dramatica.

Desejariamos consagrar a essas duas esplendidas peças, que em generos differentes são ambas tão notaveis e ambas tão portuguezas, um minucioso estudo critico, como ellas merecem, mas as condições muito restrictas do nosso jornal obrigarnos a limitar a uma simples noticia o artigo, que deve acompanhar as gravuras que hoje publicamos relativas á *Morta* e á *Moira de Silves*.

A

MORTA

é o terceiro trabalho de grande folego dramatico que apresenta em scena Lopes de Mendonça, cuja estreia theatral foi um grande triumpho—um magnifico drama em um acto, *A noiva*, de que em tempo demos larga noticia: e os altos creditos que o *Duque de Vizeu* deu ao seu auctor, são corroborados, acentuados, pelo brilhante triumpho alcançado por esta sua ultima producção.

Lopes de Mendonça de quem o OCCIDENTE já publicou em tempo o retrato e a biographia, é um notavel poeta *doublé* d'um auctor dramatico de raça.

O seu talento notabilissimo apraz-se especialmente nas grandes situações tragicas, nos grandes lances dramaticos e em toda a sua obra theatral passa por vezes um sopro quasi shakspereano que assombra e que deslumbra, e d'ahi o grande successo das suas peças, d'ahi o grande exito da *Morta*, que theatralmente pode não ser uma boa peça impeccavel, mas que tem umas situações magistraes, como por exemplo a do 4.º acto, quando Pedro I toma Isabel pela sombra de Ignez, que é de um effeito enorme, um d'esses achados, como a carta da *noiva* e que só aos previlegiados talentos é dado encontrar.

Se a critica tivesse o direito de increpar um auctor por tratar tal ou tal assumpto, em vez de lhe correr apenas o dever de analysar como elle tratou o assumpto, que escolheu, com certeza muita gente, e nós com ella, perguntaria a Lopes de Mendonça porque estando ao pé d'um drama d'amor dos mais dramaticos, dos mais commoventes e dos mais vividos—os tão celebrados amores de Ignez — deixou de parte esse drama tão interessante para ser posto em scena por um dramaturgo da sua força, porque desprezou essas tres figuras que a Historia lhe offerecia, Constança, Ignez e Pedro, para ir basear o seu drama n'um episodio muito secundario — o romance do escudeiro com a mulher do corregedor—e apresentarnos só depois de morta aquella que em vida deu á historia portugueza um dos episodios mais graciosos e ao mesmo tempo mais tragicos que podem tentar a penna d'um auctor dramatico.

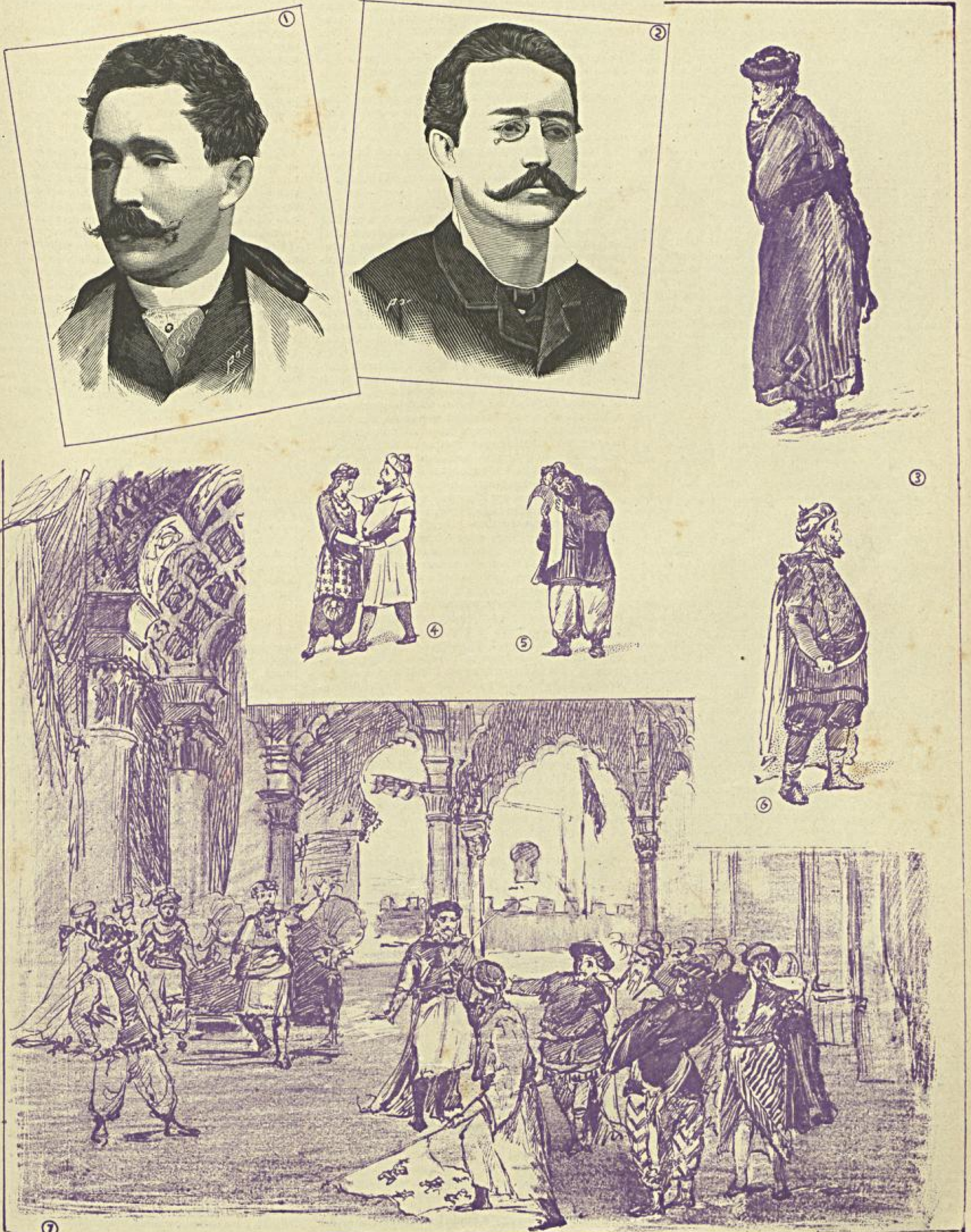
A critica porém não tem o direito de fazer essas perguntas. Nada tem com o assumpto que o poeta trata, só tem com a maneira como elle o trata, e Lopes de Mendonça tratou-o esplendidamente, tirando d'elle todos os effeitos que podia

THEATRO DE D. MARIA II

1 Affonso Madeira, (Brazão) e Catharina Torre, (A. da Silveira), na 3.ª scena do 1.º acto. — 2 Lourenço Gonçalves, (A. Rosa). — 3 D. Pedro I, (J. Rosa), monologo do 4.º acto. — 4 Estevam Lobato. (J. Costa). — 5 O judeu, (F. da Silva), 2.º acto. — 6 Petintal, (Pinheiro), 2.º acto. — 7 Scena d'apparição de Izabel Torre a D. Pedro, 4.º acto. — 8 Final do 2.º acto.

A MORTA

(Desenhos de L. Freire)

THEATRO DA TRINDADE

1 Lorjó Tavares. — 2 João Guerreiro da Costa. — 3 Pedro, marinheiro, (Queiroz). — 4 Affonso e Sol, (Portugal e Blanche). — 5 Intendente, (Silva). — 6 General Ali, (Augusto) — 7 2.º acto 3.º quadro.

A MOIRA DE SILVES

(Desenho de L. Freire)

tirar, apresentando o rei D. Pedro sob uma phase nova, deixando em paz o principe amante e o rei vingador, para nos mostrar o homem devorado pelas saudades e pelos desejos, mystico e sensual ao mesmo tempo, que ao pé do tumulo da sua Ignez se abraça como um satyro lascivo a uma mulher em quem acha parecenças com a sua querida morta.

Para nós o defeito principal da nova peça de Lopes de Mendonça é de ser muito pesada, de não ter a alegrar aquelles longos cinco actos, em que ha bellezas extraordinarias, uma nota jovial ou pelo menos suave, tranquilla, boa

Depois a peça passa se quasi toda á noite, com a scena quasi sempre ás escuras, ou alumiada por brandões funerarios; pesa sobre toda ella uma atmosphera lugubre de coveiros, de caixões, de fogueiras e de supplicios, que a torna funebre, tetrica, mas que não obsta ao grande effeito que produz, ao brilhante e justissimo successo que alcançou todas as noites.

No desempenho destaca-se pelo estudo magistral que fez do seu difficilimo papel o illustre actor João Rosa, um consumado mestre da sua arte, impeccavel de correcção na interpretação do seu personagem — D. Pedro I.

Brazão, Augusto Rosa, Ferreira da Silva, Cesar de Lima, Virginia e Amelia da Silveira representam os seus papeis com a sua festejada competencia artistica e Joaquim Costa, merece uma menção especialissima pela maneira brilhante como desempenhou um pequeno papel, fazendo-o valer muito, e evidenciando mais uma vez o seu notavel talento comico.

—

A respeito da

Moira de Silves

o *successo* enorme que o publico lhe tem feito na Trindade, em repetidas enchentes, faz melhor do ninguem o seu elogio.

A *Moira de Silves* é uma antiga e graciosa lenda do Algarve posta em operetta por dois algarvios de muito talento : — Lorjó Tavares, o librettista e João Guerreiro da Costa, o *maestro*.

Lorjó Tavares

é natural do Algarve e ha poucos annos que está em Lisboa.

E' um bello e sympathico rapaz, cheio de talento e de illustração, um esplendido caracter que sabe fazer amigos de todos aquelles que d'elle se aproximam.

Lorjó Tavares veio para Lisboa e entrou logo no jornalismo, evidenciando-se para os seus collegas, que não para o publico a quem custa muito a descortinar individualidades no trabalho anonymo do jornal, pelas suas notaveis aptidões de escriptor, a começar pela sua variada e solida Illustração e a terminar na expontaneidade enorme com que elle escreve, expontaneidade que não exclue a elegancia nem a correcção.

Para muito mais do que para fazer quotidianamente todas as secções d'um jornal noticioso, o talento de Lorjó Tavares começou a affirmar-se em varios contos — dos quaes o Occidente publicou alguns, — contos que se distinguiram pelo seu sabor original e pela sua forma elegantemente litteraria, em varios artigos criticos de maior folego, em algumas poesias de notavel valor, até que afinal se revelou brilhantemente sob a phase d'auctor dramatico na *Moira de Silves*, uma estreia que foi uma sagração.

N'esse trabalho Lorjó Tavares teve um bello companheiro, que a morte lhe roubou antes do publico ter galardoado com uma ovação triumphal esse seu bello lavor.

Esse companheiro era um intimo amigo e patricio :

João Guerreiro da Costa

Filho d'um musico distincto de Lagos, terra em que nasceu, irmão d'outro musico, que é actualmente mestre da banda de infanteria 2, João Guerreiro vivia ha doze annos em Villa Real de Santo Antonio, desconhecido e ignorado, fazendo umas musicas faceis, cuja voga não transpunha os limites da sua villa, não passava além do circulo limitado dos seus amigos, mas tendo lá dentro a illuminal-o o fogo sagrado da arte Lorjó Tavares, que era um dos seus intimos e que conhecia essas suas tentativas musicaes feitas a brincar, adivinhou n'elle o *maestro*, e obrigou-o a fazer a musica para uma operetta que ia escrever.

Guerreiro acceitou o convite, ou antes obedeceu á ordem.

Fazer uma operetta ! Morto por isso estava elle, mas tinha medo, désconfiava de si com a modestia que caracterisa todos os verdadeiros talentos.

Metteu mãos á obra e começou a compôr musica, não para a *Moira de Silves*, mas sim para uma outra operetta, um a proposito da questão ingleza, que Lorjó Tavares escrevera sobre o joelho logo dias depois do *ultimatum*.

Não ficou contente com esse seu trabalho, Lorjó Tavares. Rasgou-o e fez então a *Moira de Silves*, de que Guerreiro tambem gostou muito mais que do primitivo libretto.

Os numeros de musica que ia escrevendo ia-os mandando para Lisboa á proporção que os fazia.

Lorjó Tavares mostrou-os a alguns entendedores de musica.

Tiveram logo um successo ; era a revelação de um verdadeiro talento musical.

A *Moira de Silves* foi acceite na Trindade e entrou em ensaios.

Guerreiro ficou radiante.

Mandou fazer fato para elle e para sua mulher virem á capital assistir á primeira representação da sua primeira obra : mas n'isto vem uma pneumonia e mata-o em tres dias, quando elle terminava precisamente o ultimo trecho da *Moira de Silves !*

Tinha 37 annos o desgraçado rapaz !

Era bem cedo ainda para a morte vir, mas veio e Guerreiro desceu ao tumulo duas noites antes da *Moira de Silves* o levantar ás regiões gloriosas da fama.

O publico fez completa justiça á *Moira de Silves*, applaudiu-a enthusiasticamente, e applaudiu a musica em que ha trechos notabilissimos, como o *Padre nosso* do 2.º acto, o côro guerreiro, a valsa do 1.º acto, applaudiu o poema, que feito por um debutante, parece feito por mão de mestre, em que ha desde o principio ao fim o interesse, sem o qual se não pode sustentar uma obra theatral, em que ha a nota comica casada habilmente á nota sentimental, o que é uma das grandes difficuldades em theatro, em que ha typos perfeitamente estudados, como o do marinheiro lusitano, uma verdadeira creação, e em que ha situações de primeira ordem, como a do final do 2.º acto, que decidiu do grande exito da peça.

Os artistas da Trindade representaram a *Moira de Silves* com um talento, uma dedicação e uma boa vontade superiores a todo o elogio.

Queiroz é extraordinario no seu papel, que sustenta de principio a fim com um notabilissimo talento ; Joaquim Silva é magnifico n'um papel comico engraçadissimo: Augusto, Diniz, e Portugal, excellentes nos seus papeis: Amelia Barros, impagavel n'uma velha moira poetica: Blanche, e Mercedes muito bem na parte musical, muito discretas na parte da representação scenica.

A *Moira de Silves*, muito bem posta em scena, muito bem ensaiada por Leoni, elegantemente vestida por Carlos Cohen, que apresentou alguns costumes, que são verdadeiras obras primas no genero, teve, tem e terá ainda por muito tempo um extraornario successo, que fará vontade a outros escriptores e a outros maestros de tentarem o genero, e á empreza de deixar as traducções pelos originaes portuguezes.

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

O REI DO HAWAII DAVID KALAKAUA I

O pequeno estado do Hawaii, nas ilhas de Sandwich, acaba de perder o seu chefe, pelo fallecimento do rei David Kalakaua, que desde 1873 presidia ao seu governo, tendo succedido a Lukalilo, que falleceu a 3 de fevereiro d'aquelle anno.

David Kalakaua I, nasceu em 1836 e descende dos antigos soberanos das ilhas de Sandwich, tendo sido eleito pelas côrtes rei do Hawaii em consequencia do seu antecessor ter fallecido sem herdeiro.

A sua eleição, porém, não foi bem recebida pelo povo, que se revoltou e que foi preciso reprimir, conseguindo afinal o rei Kalakaua governar o seu paiz em boa paz e promover-lhe grandes progressos que transformaram completamente o viver do povo.

Para bem se avaliar da influencia do rei Kalakaua nos costumes e civilisação do Hawaii, bastará dizer que este paiz ainda ha pouco menos de um seculo, vivia em estado selvagem, sendo o assassinio e o roubo a sua feição principal por que era conhecido de alguns viajantes que tinham a infelicidade de ali aportarem. Os hawaianos adoravam deuses terriveis a que sacrificavam seus irmãos, andavam nus, desconhecendo as mais rudimentares noções de civilisação.

Kalakaua, ainda teve que modificar parte d'estes costumes selvagens, que os seus antecessores não poderam banir de todo, e teve a satisfação de vêr durante o seu governo, o paiz entrar em uma nova phase, que não deixou de merecer as sympathias da Europa.

Portugal tem uma boa parte na moderna civilisação das ilhas de Sandwich, na imigração de uma grande parte de seus filhos para aquelle paiz; e é certamente a colonia portugueza a mais importante que alli vive e a que mais tem concorrido para os seus progressos.

Kalakaua foi educado na Europa, e por isso levou para o seu paiz as ideias reformadoras que realisou. Fez varias viagens á Europa e á America ingleza no sentido de estreitar relações, e esteve em Portugal em 1881 sendo recebido por Sua Magestade a quem pediu um representante portuguez para o seu reino.

Era casado com a rainha Kapiolani a qual lhe não deu successão, pelo que é herdeira do throno Lydia Kamakaeha irmã do rei Kalakaua.

O que ha de mais original na vida d'este rei é o elle ter querido vender os seus estados para se retirar á vida particular gozando as rendas.

Tendo feito n'este sentido uma tentativa em 1881 com os Estados Unidos, que não deu resultado, voltou ultimamente a fazer novas propostas aos mesmos estados, as quaes segundo parece não estavam em melhor caminho, e foi n'esta diligencia que a morte o surprehendeu, poupando-lhe assim mais uma desillusão.

—

BULHÃO PATO

(Continuado do n.º 435)

Não maldigamos. portanto, a poesia. Que será de um povo sem poetas seus, sem lyras que lhe traduzam o sol alegre da consciencia, a sombra pesada dos lutos, as suas desesperanças, os seus risos e as suas crueis dôres? A Biblia refere de como os anjos se enamoraram das filhas dos homens, e a morte d'estes pelo diluvio. Se não existira um grande lyrico antigo, o sabedor Moysés, hoje, nem d'isso fariamos poesia, e tal gente, como as bestas feras, se iria de nossa lembrança sem encantamento. De modo que, até dos maus nos lembramos, e benção ao grande historiador-poeta, por abrir em nossas almas a compaixão para os maldictos que se foram, castigados, pobres d'elles, por um Deus cruel, que se quiz só com os bons ! Tanto de dramas, tanto de lagrimas, e não vir quem os ponha em urna de alabastro, para nossa compuncção e sentimento ! Ai do que seria do mundo, sem elles, os poetas ! Se o batalhar das vastas officinas, os enormes centauros arando os mares, as locomotivas pelos caminhos, as assembléas tumultuosas — se tudo isso, ás vezes, qual kaleidoscopio brilhante, nos enleva, — é porque o sol, a agua, a voz, o azul, a civilisação, quaes poetas, nos fazem vibrar com suas lyras, que ora se chamam luz, ora som, ora tinta, ora satisfação ; e tudo é poesia, mesmo a quietude da morte, maxime se a palavra humana, cadenciada, rythmada, cantada, nos prende o animo, accordando e fazendo brotar as flôres, que em todas as materias se criam, mesmo nas ruinas, decomposição da materia, e que ainda, não raro, teem som, lamento, protesto e ais sentidos ! Sendo assim, porque castigar o poeta, tendo-o em menos ? Andaes fazendo historia com as cantigas populares, querendo ahi vêr o sentir do povo; com as musicas agrestes, querendo ahi encontrar a sua melodia ; com os contos da lareira, desejando ahi vêr a sua imaginação; — tudo porque anhelaes pelo monumento vivo, a creatura humana em seu delicto de creação, que desejaes surprehender em flagrante. Porque, ó criticos e sabedores do mundo, não haveis de escutar attentos a lyra do poeta, que, em dado tempo, vibrou com os choros e ais sentidos e gritos alegres, de uma geração que ámanhã descida ao tumulo, só isso deixará de si, como a flôr deixa o perfume ?

Houve ahi um homem, que a tantos encantou emquanto vivo, e depois de ido a tantos que vieram pós elle, e, posto que o vissem, qual luctador na arena, esgrimir impavido, e terço luctar braço a braço com os mais ardidos e valentes, — d'esses feitos nada se recorda hoje, senão seus versos, onde se conversam paixões, desenganos e vividos amores, e a descripção de mulheres amaveis, que o tempo comeu, e só qual luz immortal, ficaram durando na fórma harmoniosa dos versos que o poeta lhes escreveu e consagrou ! Tal a força da

poesia, que até consola e entretem, em vicissitudes, das que prazem aos deuses, os que n'ella não crêem. Deixem-nos, pois, com o nosso poeta, que elle, mesmo nas crises publicas, teve voz para as angustias grandes, e lhes deu o seu plectro, o seu rythmo, a sua palavra angustiada, cantada, chorada. Deu á paixão publica o desafogo da indignação, que melhor do que elle, n'esse momento, ninguem soube pintar. [1]

IV

Eis-nos, pois, a proseguir. A civilisação, hoje, não regateia admirações, nem preço ou logar, a qualquer dos seus obreiros de talento, que, em dado caso, lhe foi voz, critica, ou inspiração. Raymundo de Bulhão Pato, ainda que viesse do sentir do meado do seculo, não se quedou ahi, esteril poeta descrido ou satanico, como tantos moços do seu tempo, que fizeram hastilhas as lyras, por incomprehendidos das turbas. Esse não foi: nem poeta descabellado, nem gasto, nem aborrido do viver. Mesmo quando a melancolia, airosa e pensativa, illumia seus versos de rouxo-claro, qual o amarantho do outomno, ainda então encontra lagrimas expontaneas, naturaes, para a dôr verdadeira. E é bastante ouvir o testemunho de seus versos : [2]

Saltava-lhe a trança, ás ondas !
Rosto moreno,
Bocca breve, mão pequena.
Pé mais pequeno.

Saltava-lhe a trança, ás ondas,
Negra retinta.
Os olhos... Ai ! — dois luzeiros
Que ningem pinta !

Sobre as espaduas redondas,
Quando rompia a bailar,
Com mais sal que tem o mar,
Saltava-lhe a trança, ás ondas !

Agora canta, coitada !
Os olhos n'um mar de pranto !...
Vejam como é triste o canto !

— « A gente má fuzilou-me
Meu pae um dia !
E minha mãe bem o soube,
Q'inda vivia...
Mas logo depois morria !

« O carro, que leva os mortos,
Passou por aqui ;
E o meu pae e mãe lá iam !...
Iam os dois abraçados,
Que eu bem os vi !

....

« Ai ! De quem fica no mundo
Inda pequena,
Sem pae nem mãe, toda a gente
Deve ter pena !

....

« Dae uma esmola á orphãsinha,
Por caridade — ó senhor !
Meu pae morreu fuzilado !
Minha mãe morreu de dôr !

« O carro que leva os mortos
Passou por aqui ;
E o meu pae e mãe la iam !
Iam os dois abraçados,
Que eu bem os vi ! »

*

* *

Tenho-a alli, enterrada n'um canteiro,
A minha companheira das caçadas.
Como vinha alegrar-me as madrugadas !
Como batia o monte o dia inteiro !

Com ser inda mais mansa que um cordeiro,
Quando alguem simulou dar-me pancadas,
Atirou-se-lhe ás pernas, ás dentadas,
Truculenta e feroz como um rafeiro !

Um dia, no momento derradeiro,
Poz em mim as pupillas enturvadas...
A minha companheira das caçadas,
Tenho-a alli; enterrada n'um canteiro !

N'estes versos, que vimos de copiar, trasborda o grande rio da emoção humana. Sentado nas suas margens, se o poeta, ao modo de Tacito, por vezes faz historia dos acontecimentos, e os dramatisa e castiga, por vezes tambem lhes dá a propria commoção, que transfigura o incidente sinistro, ou insignificante por vulgar, em drama maravilhoso. Tal o vemos ; e com estes predicados elle inflorece seus livros, mesmo quando transfere para lingua materna a personagens de outras litteraturas. O *Hamlet* e o *Mercador de Veneza*, de Shakespeare, o *Ruy Blas* de Victor Hugo a *Grasiella* de Lamartine, cujos versos finaes editou nas *Flores Agrestes*, e *Paulo e Virginia* de Bernardin de Saint-Pierre, correm hoje por todas as mãos no idioma portuguez. Recommendá-los seria desnecessario. Seus personagens são cosmopolitas, porque existem na vida real com suas physionomias tragicas ou graciosas, a que os grandes sonhadores tão apenas deram a sua poesia. Não pertencem a uma litteratura, são de todas ellas ; e bem merece o escriptor, quando lhes deu o cunho da naturalisação, ao vestir lhes os enfeites e trajos da propria lingua. A critica certamente poderá inquirir se o escriptor, procurando a forma mais harmoniosa da linguagem — a rythmada, que a fez semelhante á musica, a do verso, — aos dramas de um outro poeta extranho ; se não descurou a indole dos seus heroes, a acuidade de suas paixões, a expressão de suas physionomias. Mas, aqui não sabemos que responder. E venha para explicar o nosso indeciso, o maior personagem de Shakespeare : — Hamlet. Bulhão Pato traduziu bem, ou traduziu mal, aquella tragedia do sublime sonhador ? Não sabemos. Dar o mais possivel da visão de um outro, é alguma cousa. Dá-la por completo ? Então mais valeria ler o original. Esse mesmo, porém, vê-lo-hiamos com a nossa visão, e ao lado de nós estão os commentadores, que dirão o contrario do que vimos. Passase o drama de Hamlet no seu proprio cerebro, como quer um escriptor hespanhol ? É aquelle drama a crença nas penas eternas, poisque seu protogonista não mata o padrasto quando este reza, porque assim talvez se salvasse, e elle quere-o vestido e calçado no inferno, isto é, morto em peccado ? *That is the question :* — talvez ! É apenas o Hamlet a imagem da natureza humana, imperfeita, que jámais chega a cumprir seus desejos cabalmente, porque desabafa em invectivas, em palavras, *worlds, worlds, worlds,* — em calculos, em hypotheses, em desculpas, hesitações, duvidas, — activa pelo pensamento, negativa para a acção, sempre vacillante, e a quem só o perigo, o ensejo, as circumstancias, vencem, obrigam, demovem ? Será elle um homem que se finge louco para salvar a pelle ?

Será tudo isto ?

O proprio Shakespeare não no-lo disse. E todavia tantas feições da mesma individualidade se encontram n'aquella sublime tragedia ! Assim, um traductor só póde dizer-nos o que elle proprio viu ; o mais que pode fazer é conservar o *typo*, trazêl-o para uma outra lingua com a sua verdade. Elle não é um homem, é uma reunião de homens; não é aquelle ser vivo, é um ser vivo e phantastico á uma : — vivo, porque lhe encontramos as paixões nossas conhecidas ; phantastico, porque Shakespeare o creou com a sua poesia: então é homem e espirito. Obteve o poeta desenha-lo d'esta maneira ! Deu-nos o semblante, descórado, inquieto, sombrio, d'aquelle tenebroso sonhador ? Nem sei ; não o podemos saber. Para tal affirmação, era indispensavel que, dissertando largamente, concluissemos pelo nosso juizo, e dissessemos em que o traductor, delle se tinha approximado ou afastado. Não assim succede com o *Mercador de Veneza*. Ha ahi duas figurass notaveis — Porcia e Shylock : — a primeira sorridente de graça antiga, creada ao pé de um mar azul, sem más paixões, porque nunca se lacerou no agro dos soffrimentos, creatura angelica e humana, que se diverte com inigmas, e é formosa como Helena, e tem a saude alegre da renascença. Tal espirito encantador é grande ao centro dos astros pequenos, que irradiam na sua orbita, e só encontram a noite tenebrosa na alma escura de Shylock, um israelita carregado da maldição dos seculos, e que se iria santo d'esta vida, se devorasse o coração de um homem da raça contraria e perseguidora. Que grandeza n'estas creações ! A felicidade e a adversidade cotejando-se, respondendo-se, com as tristes a sorrisos alegres, com sombras a raios de sol; com a paixão do odio á paixão do amor ! A antithese tão propria de Shakespeare, n'esse drama define de tal arte os dois personagens, que se nos afigura elles poderem viver em uma outra lingua, sem que a um desmaie a violencia do odio, e a outro a serenidade de deusa. E em verdade, a obra em verso de Bulhão Pato, obra notavel em sua interpretação, e das melhores do nosso poeta, pois tem a força de um original, é egualmente um trabalho de erudito. Estamos olhando a traducção notabilissima de illustre hespanhol, Marquez de Dos-Hermanas. Pois bem: leva-lhe vantagem a do poeta portuguez.

(Continúa)

Conde de Valenças

---

1 *Pavilhão Vermelho.*

2 *Satyras, Canções e Idyllios*, ed. de 1888 : — *A filha do fuzilado*, pag. 159 ; *A minha Lady*, pag. 173.

HISTORIA DO CERCO DE DIU

POR LOPO DE SOUSA COUTINHO

(Continuado do numero 435)

III

Quantas vezes, no decurso da leitura das dramaticas narrativas de Lopo de Sousa Coutinho, me surprehendi a imaginar, a tentar reconstruir na phantasia o meio, a vida familiar do heroe de Diu, em Santarem, na sua casa, onde elle, á volta de longas e agitadas viagens atravez dos mares da India, e dos não menos encapellados e perigosos da vida, reunia em roda de si os seus oito filhos, que todos honraram o nome já illustre, que elles lhes deixou, limpo e glorioso ! Ahi na sua grande cadeira d'espaldar de Flandres contaria elle aos seus e aos amigos conterraneos, que o visitassem, os mil episodios da sua Iliada, com côres mais vivas decerto do que as que teve na sua penna, e ahi, n'um ou n'outro lance, as cicatrizes das feridas que recebera, e as suas armas, a sua espada, a sua couraça, viriam depôr, dar testemunho com as suas mossas, e com as suas laminas falseadas, do valor do soldado, dos perigos que affrontara, quando na brecha em Diu, cruzara a sua lança com os cortantes alfanges dos mamelukos.

Como essas lições de historia viva, por assim dizer, deviam gravar-se indeleveis na memoria dos que as ouviam narradas, representadas pelo proprio que a ellas assistira, e n'ellas tivera parte, e que, homem do seu tempo, d'essa formosa Renascença, tão latina, podera dizer, se a modestia lhe não obstara, — *quorum pars magna fui !*

Iliada lhe chamámos nós, e não é ambicioso o nome, que seria elle pequeno para toda a epopêa portugueza, que durou, não dez annos, como a grega, mas cento e cincoenta, e não se combateu em volta d'uma só cidade, mas, a um tempo, nas quatro partes do mundo !

No prefacio do editor diz este : « Lopo de Sousa Coutinho tem a gloria de ser o progenitor de um dos nossos primeiros, senão o primeiro estylista portuguez — o amenissimo Fr. Luiz de Sousa. » E o valente fidalgo pode bem com essa gloria. Que era homem de altos espiritos attesta-o, alem do que escreveu, a educação que deu aos seus oito filhos, que todos fez sentar nos bancos da Universidade, sem exceptuar o mais velho, o morgado, herdeiro da sua casa, a proposito do qual, quando lhe censuraram tel-o mandado estudar como os outros, elle replicou, indignado : — *Que mal me fez elle, para eu o deixar ignorante?!* E, enviuvando, não quiz contrahir novo matrimonio, embora o instassem para isso, — dizendo que não queria dar madrasta a tantos filhos com que estava casado, e ainda menos fazer esta injuria a sua mãe, com a qual viveu em summa paz.

Em lances de vida domestica estes dois rasgos, contados por Barbosa Machado, pintam-nos, a boa luz, a figura do varão illustre, que fôra um leão nos combates, e que, respeitado na côrte, e attendido com particular distincção pelo proprio rei, não quiz para si, em paga dos seus serviços á patria, senão a honra e a gloria de a ter bem servido.

Lopo de Sousa Coutinho morreu em Povos, desastradamente, a 28 de janeiro de 1577; ao apear-se do cavallo que montava, sahiu-lhe a espada da bainha, e enterrou-se-lhe no corpo, matando-o logo.

Poder-se-ia dizer que aquella espada, cuja folha faiscara, por ventura, nas mãos valorosas do venerando e heroico guerreiro em Diu, rompendo pelos peitos as armaduras dos turcos no famoso cerco, quizera com este golpe inesperado livral-o da vergonha de assistir, no ultimo quartel da sua vida, ao desastre d'Alcacer-Kebir, e de vêr — suprema humilhação ! — os estandartes hespanhoes entrarem em Lisboa triumphantes, e tremularem nos logares onde sempre tinha alvejado só, altiva, conquistadora, gloriosa e temida a sua bandeira branca das Quinas !

(Continua)

Zacharias d'Aça.

O ULTIMO CONDEMNADO

. . . .

A multidão ia, pouco a pouco, enchendo a praça, ao centro da qual se levantara o cadafalso, e momentos depois, chegava o carro conduzindo os condemnados.

Eram tres.

Dois rapazes, que tinham feito parte d'uma quadrilha de ladrões e incendiarios e um velho, cuja barba, branca como a neve, emoldurava o rosto enrugado pelos annos.

Accusavam-no de assassinio, e, apesar d'elle dizer que tinha sido em defeza propria, o tribunal não o entendera assim, e condemnara-o á pena ultima.

O carrasco recebeu-os impassivel sobre o tablado, como homem costumado áquelles misteres, mas, apesar da sua impassibilidade, alguem notou que elle estava commovido e que aquelle socego era puramente na aparencia, que lá dentro, uma dor intima, lhe atormentava o espirito.

O sol começava então a apparecer no orisonte, vindo espreguiçar-se por sobre os beiraes dos telhados fronteiros, até reflectir os seus raios, na meia lua da guilhotina, da qual saiam reflexos capazes de cegar quem a fitasse.

Os condemnados subiram lenta mas corajosamente, sem que a morte os assustasse.

Foi ligado o primeiro, um dos rapazes, á prancha fatal e o cutello caiu, fazendo-lhe rolar a cabeça.

O segundo, teve egual sorte.

A multidão, cá em baixo, enthusiasmava-se ao ver os borbotões de sangue que saiam dos corpos inanimados, e applaudia o carrasco.

Este parecia não dar attenção ao que se passava na praça, mas não desviava a vista do velho, que impassivel como uma estatua, seguia passo a passo todos os preparativos da execução dos seus companheiros.

Até que lhe coube a vez.

A multidão calou-se ante aquella figura veneranda e mais de um individuo voltou a cara para não vêr cortar uma cabeça tão digna de respeito.

Caminhou sem vacillar, direito á prancha, e emquanto os ajudantes do executor da justiça tratavam de o amarrar solidamente, elle sorria, como quem tem a consciencia tranquilla e para quem a vida lhe é puramente indifferente.

O carrasco chegou-se ao condemnado e murmurou-lhe baixo, ao ouvido, algumas palavras que só elle percebeu.

— Cumpre o teu dever, foi a unica resposta do velho.

Então, o executor foi, cambaleando, encostar-se ao braço da guilhotina onde estava a mola, esperando que os ajudantes acabassem a tarefa, e d'ali a pouco o cutello caia pela terceira vez.

Ao mesmo tempo, uma gargalhada infernal cortou o espaço e fez com que a multidão recuasse assustada.

O carrasco tinha enlouquecido ao cortar a cabeça do ultimo condemnado, e, agarrando-a pelos cabellos, deitou a correr por ali fóra gritando ao mesmo tempo :

— Deixem passar ! Deixem passar ! É meu pae ! É meu pae! Ah ! ah ! ah ! . . .

Ricardo de Souza.

REVISTA POLITICA

Uma serenidade aparente envolve a politica portugueza, serenidade que mal encobre os receios, as duvidas, que se abrigam no seio da mesma politica.

A imprensa dilue dia a dia, nos seus artigos de fundo, uma benevolencia muito para agradecer, porque é sempre para agradecer um sacrificio, tanto mais quando elle tem o fim altamente patriotico que a causa publica n'este momento reclama.

E' a vantagem de no ministerio se encontrarem ministros de todos os partidos monarchicos, e apesar do mesmo ministerio parecer querer formar um partido seu, visto querer fazer umas eleições suas, esse desejo ficará de bocca aberta, porque nas eleições das commissões de recenseamento a urna foi generosa para todos, menos para o governo.

Parece que isto deverá poupar ao mesmo governo o trabalho de consultar o mesmo paiz atravez da urna, e tanto mais desnecessaria se torna essa consulta, quanto é certa a benevolencia com que os partidos promettem acompanhar o governo na camara.

Se o actual ministerio se formou com os diversos partidos, para todos de accordo se auxiliarem mutuamente na solução das graves questões de politica internacional e de finanças que assoberbam o paiz, resolvidas que sejam essas questões terá cumprido a sua missão.

Ninguem lhe nega o apoio para este fim, e por isso não é facil perceber em boa logica a razão do governo querer fazer uma nova camara.

E' isto o que a imprensa tem manifestado com respeito á fallada dissolução do parlamento, e que nós aqui reproduzimos com toda a simplicidade ingenua com que a referida imprensa tem tratado este assumpto.

Outra questão se levantou tambem nos ultimos dias, que deu logar a alguns artigos de fundo e a recordarem-se precedentes, que são sempre a defeza de causas ruins, pelo que Deus nos livre d'elles quando esses precedentes são de mau exemplo.

E' o caso do governo querer submetter á apreciação do parlamento as clausulas do tratado que está concertando com a Inglaterra, antes do mesmo tratado ser assignado.

Este procedimento do governo, contrario ás praxes seguidas, pouca importancia teria, se fosse originado na livre vontade do mesmo governo, no desejo de ir de accordo com a opinião do parlamento, e portanto com a opinião do paiz, segundo a carta constitucional; mas o que provocou maiores reparos, foi o dizer-se que esta nova interpretação da lei, era uma exigencia do governo inglez, que não queria assignar novo tratado sem ter a certeza de que elle seria approvado pelo parlamento.

Mas, tornamos a repetir, a attitude benevola da imprensa, ainda d'esta vez se sustentou e a breve trecho os artigos de fundo foram modificando as suas considerações, consolados com a idéa de que o governo inglez nada tinha exigido n'este sentido, conforme as declarações dos orgãos mais officiaes.

E já aqui não está quem fallou, porque attribuir exigencias ao governo inglez, seria suppor uma demasiada má vontade da parte de uma nação tão nossa aliada e tão sóbria em suas pretenções como temos tido occasião de vêr e de sentir.

E' ainda essa sobriedade que tem feito demorar as negociações, que se esperava estivessem concluidas até fins de janeiro, como muito optimistamente o annunciara a imprensa mais official.

O janeiro, porém, terminou com todo o frio que o distinguio, e a espectativa publica continúa á espera do tratado como do calor que a morna primavera lhe traga aos seus intorpecidos membros.

Os acontecimentos de Manica tem, talvez, culpa de não se ter concluido o tratado, porque é certo que elles levantaram difficuldades entre as duas partes contratantes, difficuldades que fazem receiar pelo optimismo em que se dizia caminhavam as negociações.

Esperemos pois, e que pela demora se não perca negocio que tanto nos interessa.

A' ultima hora chega nos a noticia de uma revolta militar no Porto.

Não sabemos qual a importancia d'essa revolta, mas o que sabemos é que o governo mandou marchar immediatamente para o Porto caçadores n.º 5 e uma bateria de artilheria, dizendo-se que tambem marcha cavallaria n.º 4, o que dá certa importancia á revolta.

Bem diziamos nós no principio d'esta revista, que a serenidade da nossa situação politica era mais aparente do que real.

Deus sabe quantas provações estão reservadas a este paiz, depois de uma paz de cincoenta annos.

João Verdades.

O REI DO HAWAII DAVID KALAKAUA I

FALLECIDO EM 21 DE JANEIRO DE 1891

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos :

Historia do cerco do Porto.—E' tão raro vêr levar a cabo a edição de luxo de uma obra, de mais a mais nacional, que merece o maior elogio a empreza Leite Guimarães do Porto por ter sempre, com a maxima regularidade, distribuido os fasciculos, em que se dividira a *Historia do cêrco do Porto*, emfim completamente publicada. Esta obra é um primor de trabalho nacional e as gravuras feitas no estrangeiro retratam com a maior nitidez, os vultos mais proeminentes das luctas da liberdade.

As capas de percalina, trabalhadas a côres, ouro e prata dão a medida do gosto e dedicação com que o sr. Leite Guimarães se empenhou, para que a obra de Soriano, tão grata principalmente á corajosa cidade do Porto, correspondesse em tudo ao seu valor patriotico.

Parece-nos que nas estantes dos que amam possuir livros de interesse e merito haverá logar marcado para a luxuosa edição da *Historia do cêrco do Porto.*

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores